

PÊCHEUX É RECONCILIÁVEL COM A ANÁLISE DO DISCURSO? UMA ABORDAGEM INTERDISCIPLINARⁱ

Thierry Guilbertⁱⁱ

Resumo: Este artigo questiona a herança nos trabalhos atuais em análise do discurso. O autor se interroga a respeito de seu próprio percurso, das razões da semiausência de M. Pêcheux, e ressalta que sua teoria do discurso não pode figurar como única fonte epistemológica para a análise do discurso, mesmo para o ramo disciplinar que se ocupa da ideologia. Assim, o artigo sustenta que apenas uma abordagem interdisciplinar é capaz de apreender este objeto complexo por natureza: o discurso. Por intermédio de alguns exemplos, mostra que se deve evitar opor os trabalhos essenciais de Pêcheux a outros tomados equivocadamente como advindos de epistemologias diferentes. Posteriormente, propõe pistas que permitem reconciliar e articular de maneira complementar esses trabalhos anteriores às ferramentas atuais da análise do discurso.

Palavras-chave: Ideologia. Evidência. Discurso. Interdisciplinaridade. Epistemologia.

Abstract: This article raises the question of inheritance in the current work in discourse analysis. The author asks, looking back on his own path in particular, the reasons for the near absence of M. Pêcheux, while asserting that his theory of discourse can't figure epistemological single source for the analysis of discourse, even for the branch of the discipline that focuses on ideology. Thus the paper argues that only an interdisciplinary approach can understand this complex subject that is discourse. With few examples, it shows that we must stop opposing essential works of Pêcheux with others mistakenly perceived as coming from different epistemologies, then it suggests ways to reconcile and to articulate complementary these ancient works with the current tools of discourse analysis.

Keywords: Ideology. Evidence. Discourse. Interdisciplinary. Epistemology.

ⁱ Referência da publicação original:

GUILBERT, Thierry. Pêcheux est-il réconciliable avec l'analyse du discours? Une approche interdisciplinaire. **Semen** [En ligne], Besançon, n. 29, mise en ligne le 21 octobre 2010.

Os editores da Revista EID&A agradecem sinceramente ao Professor Philippe Schepens, diretor da redação da revista Semen, pela autorização da publicação desta tradução.

ⁱⁱ Docente da Université de Picardie, França. E-mail: th.guilbert@wanadoo.fr.

1 Introdução

Originalmente, este artigo nasce de uma discussão com Marie-Anne Paveau a respeito da integração de diferentes epistemologias e da transmissão da memória em análise do discurso; essa discussão foi iniciada por ocasião do Colóquio *L'interpellation*¹ e retomada na resenha crítica do meu livro *Le discours idéologique ou la force de l'évidence* (GUILBERT, 2009). Assim, aproveito para agradecer a oportunidade de continuar esse debate e de repensar minha própria experiência enquanto “jovem pesquisador” (que aos 48 anos represento apenas de modo incompleto) no tocante à transmissão dos fundamentos epistemológicos da análise do discurso.

A questão da herança, o cerne do debate, pode ser resumida à compatibilidade entre a análise do discurso (ideológica) atual e a *teoria do discurso* de M. Pêcheux. No entanto, ao se verificar certa “(des) memória (esquecimento) da análise do discurso” (PAVEAU, 2009, p. 106), em outras palavras, quando se admite que a teoria do discurso é pouco ou nada conhecida e que os pesquisadores atuais recorrem a outras fontes epistemológicas, parece-me que a questão inicial pode então ser retomada: Pêcheux e a análise do discurso ideológica atual são compatíveis? A tese defendida, aqui, no que se refere à “atualidade” de Pêcheux, é que, embora a análise do discurso lhe deva enormemente, ele não deve ser considerado atualmente como sua principal e única fonte.

Sustentarei esta tese sob três pilares. O primeiro é que o esquecimento atual de Pêcheux e de sua contribuição epistemológica para a análise do discurso é real, mas pode ser relativizado se considerarmos as condições de produção quando da publicação de uma tese².

¹ Colóquio internacional e interdisciplinar *L'interpellation - Perspectives linguistiques et didactiques*, realizado em 16 e 17 de maio de 2008, em Paris.

² “[...] o que o sujeito diz deve sempre ser referido às condições nas quais ele o diz” (PECHEUX, 1969, p. 131). As referências a Pêcheux remetem aos seus textos citados

O segundo se assenta no fato de que a abordagem do objeto *discurso* está intimamente relacionada à interdisciplinaridade. O terceiro defende que os trabalhos de Pêcheux não são incompatíveis, mas conciliáveis com outras epistemologias presentes na análise do discurso. Enfim, com base em meus próprios trabalhos, apresento, na conclusão, uma proposta que visa a articular as contribuições de Pêcheux para a análise do discurso atual. Aliás, parece-me que a atualidade da reflexão epistemológica repousa na articulação entre os conhecimentos epistemológicos e os trabalhos pessoais.

2 Transmissão de uma memória na análise do discurso

2.1 A publicação de uma tese: condições de produção

Como todo discurso, a publicação de uma tese de doutorado advém de suas condições de produção. Inicialmente, o sujeito-doutor negocia os gêneros: ele sabe que não se trata de publicar sua tese exatamente como foi concebida inicialmente: ele deve corrigir os erros, suprimir algumas referências, rever os aspectos demasiadamente acadêmicos... Em seguida, o editor, não desejando publicar um volume muito oneroso, no tocante à relação custo/benefício, impõe certo número de páginas, revê o título, tornando-o mais “atraente” que o título anteriormente proposto. O jovem doutor deve então realizar escolhas determinadas pelo “lugar” (no sentido de Pêcheux) que ele imagina ocupar: novamente reconhecido por seus pares, surge então investido de um *status* e de uma “autoridade” que ele pensa ser necessário provar. Sua escolha repousa “naturalmente” sobre o que ele acredita ser “essencial”, “inovador” e “pessoal”: os

por Malidier (1990), embora eu apresente as datas originais.

resultados obtidos³. Ele “escolhe”, portanto, ignorar certo número de elementos já mencionados, principalmente em sua própria tese, mas também em outras anteriores, e que ele acredita serem indevidamente considerados redundantes: o aspecto epistemológico pode ser o primeiro a ser atingido⁴.

Seria exagerado concluir que as questões epistemológicas são pouco interessantes para os jovens pesquisadores da análise do discurso (a partir de agora, denominada AD); pode-se simplesmente observar que tais questões ocupam um lugar reduzido em suas publicações, pois são direcionadas para outros fins⁵.

2.2 Uma primeira abordagem da análise do discurso

Espero que esta primeira experiência⁶ auxilie na reflexão sobre o processo de transmissão da herança; formação na “Escola de Rouen”, no final dos anos 90, não desprovida de heranças: sociolinguística francesa e americana, Goffman, Bakhtin, mas também Austin, Benveniste e Bourdieu (1982). Pêcheux está totalmente ausente desta gama de pesquisadores. No DEA (Diplôme d’Études Approfondi), B. Gardin sugeriu-me a leitura do n. 117 da revista *Langages*, sobre “As análises do discurso na França” (MAINGUENEAU, 1995).

Defino então meu projeto de tese como a pesquisa do funcionamento discursivo da ideologia (neoliberal), cujo objetivo é o de descartar o aspecto conotativo da ideologia e

sua abordagem política cientificamente suspeita⁷, sem, entretanto, negar sua função essencial no que se refere ao poder e considerando os avanços da AD: os questionamentos da dicotomia saussuriana língua/fala, da bivalência da relação significado/significante ou da unicidade do sujeito falante me parecem definitivamente comprovados. A questão que aqui se impõe reside no *como*⁸: como o discurso ideológico chega a se constituir sob a forma de evidência. Nisso que falta em Pêcheux, a leitura de Althusser (1970) confirmará minhas intuições no que tange à importância da evidência para o funcionamento ideológico.

2.3 A transmissão dos anos 1970

Antigos números da *Langages* e da *Langue Française*⁹, do início dos anos 1970, complementam essas primeiras abordagens epistemológicas da AD: elas surgem como uma história escrita ao mesmo tempo em que a disciplina se constrói. Como suspeitar do que está por trás de fórmulas como “teoria do discurso” (MALDIDIER et al., 1972), esse debate violento que produz esquecimentos e deformações já mencionados por Maldidier¹⁰ (1990), que opõe Pêcheux-Nanterre à Escola de Rouen? Do mesmo modo, todos estes artigos se baseiam na teoria althusseriana da interpelação:

⁷ Maingueneau (1995, p. 5) quer uma AD “que não coloque mais o discurso político no centro de sua reflexão”. Eu defino então a ideologia *a minima* como um “sistema de pensamento com vocação prosélita”, embora me pareça claro que, “ao tentar expulsar a ideologia pela porta, esta foi reintroduzida pela janela, especialmente com as noções de discursos constituintes e de posicionamento” (GUILBERT, 2007, 105).

⁸ Van Dijk (2006) opõe o “show how” ao “show that”. Conferir também a abordagem de Reboul (1980) e igualmente a de Harris (1969, p. 8): não estudar “o que o texto diz, mas [...] determinar como ele diz”.

⁹ Por exemplo: *Langages* n. 23 e n.24 de 1971, n. 36 e n. 37 de 1974, *Langue française* n. 15 de 1972.

¹⁰ Incluindo o lançamento do livro de Bakhtin/Volochinov em 1977.

³ Isso é o que orientou minha escolha e, parece-me, a de R. Kerzazi-Lasri (2003).

⁴ Esta “escolha” não é mecânica, assim von Münchow (2004) consagra uma parte importante de sua obra às questões epistemológicas.

⁵ Este é o caso dos recentes trabalhos que parecem ter o objetivo de apresentar a polifonia nórdica de Malin Roitman (2006) ou a orientação léxico-semântica de Julien Longhi (2008).

⁶ Minha própria experiência é com certeza puramente incidental.

As formações políticas representativas dos grupos dominantes podem “funcionar como a ideologia”: não explicitar interpelando em sujeito os interlocutores, provocando neles o reconhecimento (GARDIN, 1974, p. 71).

Essas são as formas de assujeitamento ideológico que governam os mecanismos enunciativos (MALDIDIER et al, 1972, p. 123).

Pode-se observar que, quando Pêcheux é citado, aparece como um nome sem grande relevância, cuja importância não é ainda¹¹ manifestada nem para AD nem para as noções utilizadas e mais ou menos definidas de discurso, formações discursivas, pré-construído etc.

Esta rápida retrospectiva resume-se a uma primeira interferência sobre tais noções, acompanhada de uma dificuldade de posicionamento. A substituição da análise do discurso pelas análises do discurso (MAINGUENEAU, 1995) ou pela análise de discurso (von MÜNCHOW, 2004) é sinal de uma segunda interferência com todos os riscos aferidos, com rupturas de obstáculos, e/ou dissoluções teóricas indo do geral ao particular.

3 Pêcheux e a análise do discurso atual

Por que Pêcheux é objeto de esquecimento¹² enquanto que as noções por ele forjadas são regularmente utilizadas na AD atual? Sem ironia, pode-se pensar que o duplo processo de esquecimento que ele definiu se aplica a seu próprio trabalho: suas propostas “inquietantes” (MALDIDIER, 1990) e que seriam muitas vezes reprimidas ou ignoradas e deformadas pelas reformulações¹³. Entretanto,

¹¹ Seria preciso estudar as referências a Pêcheux existentes nos anos 80. Está ele tão presente quanto em Orlandi (1989), que retoma a noção de esquecimento?

¹² O único nome citado no prefácio de Charaudeau e Maingueneau (2002) é o de Foucault. O esquecimento para Pêcheux é uma noção central, ver *infra* 3.1.

¹³ Por exemplo, a noção de “interdiscurso” como retomada de elementos do discurso de um outro e não do Outro.

seria inútil e absurdo tentar restaurá-las, principalmente porque, na opinião de Pêcheux, a formação discursiva na qual seu significado originalmente se constituiu é determinada hoje por novas condições de produção socio-históricas. Tais alterações de sentido serão consideradas, portanto, como evoluções.

3.1 Uma nova abordagem da análise do discurso

Retomo uma reflexão de Maldidier (1990, p. 8) que me parece útil para descrever essa nova abordagem. O discurso e a reflexão teórica - enquanto “cerne da questão” e objeto não empírico - desenvolvem-se sobre um “duplo plano”¹⁴ que pode ser esquematizado da seguinte forma:



Se Pêcheux tentou articular, efetivamente, esses dois planos, ele procurou, sobretudo, desenvolver uma *teoria do discurso*, sem utilizar para este fim seus próprios conceitos (MAZIERE, 2005, p. 6).

Atualmente, por várias e complexas razões, sobre as quais não me deterei neste momento, priorizar-se-á a abordagem *dispositiva*. Mais que uma caixa de ferramentas, a AD é considerada, me parece, como uma grande oficina que comporta várias estantes cheias de caixas de ferramenta. As perguntas que o (jovem) pesquisador se faz, falando metaforicamente, se referem, em geral, a: “*de que ferramenta eu preciso e em que caixa ela se encontra*”, “*como melhorar esta ferramenta*”, ou “*como conceber novas*

¹⁴ Para um cotejamento, ver a distinção “ciências” vs “discurso sobre o discurso” (MALDIDIER et al, 1972, p. 127).

ferramentas”¹⁵, em vez de “quem concebeu essa ferramenta” e se “estava de acordo com alguém que tenha concebido outras ferramentas”.

Por outro lado, esta nova abordagem é concomitante com a “diminuição” da importância, nas ciências humanas, do materialismo histórico, fundamento não apenas da AD, como também da teoria do discurso. É preciso reconhecer que o pensamento de Pêcheux não está isento de um dogmatismo no tocante ao seu anseio de nunca se separar da doutrina materialista¹⁶. Isto não seria se antecipar “ao conhecimento do resultado que se deseja atingir de fato” (PÊCHEUX, 1969, p. 132)? Esse dogmatismo postula um determinismo – do qual não se trata aqui de negar a existência – que pensa com dificuldade a respeito da criatividade discursiva ou da existência de revoltas contra a ideologia dominante (MALDIDIER, 1990, p. 63).

Trabalho com a hipótese de que o materialismo, quando dogmático, interfere na transmissão da memória da AD. Rejeitando tal dogmatismo, corre-se o risco de passar despercebida toda uma teoria do sujeito que por outro lado forma a base epistemológica desta disciplina. Não considerar os *lugares* dos sujeitos falantes ou do papel determinante das *formações discursivas* significa suprimir toda a especificidade da AD. Diante do exposto, não conceber mais o discurso através de um referencial único¹⁷ constitui uma fantástica evolução da disciplina.

¹⁵ Por exemplo: a nova argumentação, as interações verbais, a análise crítica do discurso, a análise do discurso político, os métodos quantitativos...

¹⁶ Segundo Maldidier (1990, p. 56), dogmatismo muito presente no início dos anos 1970, por exemplo: “no horizonte de toda a nossa pesquisa, estabelecemos a exigência de uma elaboração materialista e dialética desses problemas” (MALDIDIER et al., 1972, p. 117).

¹⁷ Em 1974, Laborit indica, por seu título *La nouvelle grille*, que é possível ter um outro referencial de análise: a sistêmica. Em *Semântica e Discurso* (1975), Pêcheux retoma inúmeros termos da sistêmica. Ele teria tido acesso a essa obra?

3.2 O diálogo com outras disciplinas

Essa nova abordagem atesta que a AD é um cruzamento que utiliza as ferramentas de disciplinas afins (sociologia, filosofia da linguagem, história...). A integração de conceitos-nômades é um risco de ecletismo, ou até mesmo de sincretismo, mas algumas precauções podem ser tomadas. Pode-se postular, como fez Darbellay (2005, p. 25), “que um *processo de negociação* está a serviço do desenvolvimento dos conhecimentos científicos” e que os saberes produzidos não são “verdades reveladas *a priori*”. Assim, tal processo é “um espaço *intertextual* pré-construído e em constante re-co-construção”.

Outra precaução consiste em não esquecer que os discursos são práticas sociais inscritas na esfera sócio-ideológica e que “[...] na sociedade moderna e contemporânea (pós-moderna), o discurso adquiriu uma importância maior na reprodução e na mudança socioculturais” (FAIRCLOUGH, 1995, p. 2).

Esses dois exemplos demonstram que a AD, ainda hoje, analisa seu próprio dispositivo, o que não é diferente das concepções de Pêcheux no tocante ao discurso científico (1975, p. 242-244), mas associa noções de autores diferentes: pré-construído, intertexto, co-construção do sentido, reprodução/transformação das relações de produção.

Aliás, desde sua origem, a AD postula “a exigência de uma nova forma de interdisciplinaridade” (MALDIDIER et al, 1972, p. 117); hoje, é necessário “admitir que o discurso não foi nem pode ser objeto de uma disciplina única – a análise do discurso” (MAINGUENEAU, 1995, p. 7). Darbellay (2005, p. 51) propõe favorecer uma “inter- e transdisciplinaridade” que articula conceitos oriundos de disciplinas diferentes relativas a um mesmo objeto complexo, ou seja, “um processo de co-construção dos saberes que permeia literalmente as disciplinas

envolvidas”. Este “além das trocas disciplinares” não significa o desaparecimento das disciplinas, não apenas porque o diálogo com outras disciplinas prolonga e enriquece a AD (DARBELLAY 2005, p. 50), como também porque me parece que a AD é a base imprescindível para a reflexão sobre este objeto tão complexo que é o discurso.

Assim, em vez de conceituar previamente o que vem a ser discurso, a AD se apresenta como um dispositivo de pesquisa e um método heurístico e interpretativo (MAINGUENEAU, 1991; MAYAFFRE, 2002; von MÜNCHOW, 2004; DARBELLAY, 2005), método este que não se distancia muito do projeto inicial de Pêcheux (1969).

4 Utilizar Pêcheux hoje na análise do discurso

Levando-se em conta o que é a AD atualmente, parece-me que a teoria do discurso não pode ser considerada como a referência única, ou como um modelo para forjar outras ferramentas, e que é necessário parar de postular sua incompatibilidade, posto que o dogmatismo, considerado inerente a este pensamento, conduz à alternativa Pêcheux/não Pêcheux e, portanto, a seu esquecimento.

Por outro lado, mostrar *como* a AD pode ser compatível com outras epistemologias é algo salutar, mas no que se refere a seu esquecimento, ainda há muito que fazer. Alguns pontos essenciais de convergência entre Bakhtin/Volochinov e Fairclough serviram de exemplos¹⁸ de reconciliação. Trata-se unicamente de abrir algumas vias de reflexões epistemológicas.

4.1 Bakhtin vs Pêcheux?

A “incompatibilidade” entre Bakhtin/Volochinov e os trabalhos de Pêcheux

¹⁸ Parece-me que Pêcheux (1969) tem igualmente pontos comuns com as abordagens quantitativas da AD.

se deve, como se sabe (MALDIDIER, 1990, p. 51-53), aos mal-entendidos entre os proponentes da Escola de Rouen e os integrantes do “círculo de Pêcheux”. Ora, minha primeira observação é que os dois autores embasam seus trabalhos no materialismo histórico e retomam seus elementos principais: a luta de classes, a ideologia e a superestrutura.

Minha segunda observação repousa sobre a noção de *pré-construído* e a concepção das relações entre pensamento e linguagem. Pêcheux preconiza que “todo ‘conteúdo de pensamento’ existe na linguagem sob a forma do *discursivo*” e que falar sobre um elemento “pré-construído” significa: “*como se esse elemento já estivesse lá*” (1975, p. 194). Ora, Bakhtin (1977, p. 28 [2002, p. 34]) considera igualmente que pensamento e linguagem são indissociáveis e que a “consciência só se torna consciência quando se impregna de conteúdo ideológico (semiótico)”, ou ainda que se utiliza sempre um discurso *pré-existente* por intermédio do próprio discurso interior “impregnado” por “outras vozes” e “objetivações de signos ideológicos”. Analogamente, se a “forma-sujeito” não é um ponto de partida, mas sim um *efeito* para Pêcheux, se “todo ‘ponto de vista’ é o ponto de vista de um sujeito” (1975, p. 244), para Bakhtin, a consciência é *produto* da ideologia.

Minha terceira observação refere-se à noção de esquecimento, tão peculiar ao pensamento de Pêcheux: de maneira muito esquemática, a interpelação e a determinação do sujeito pela formação discursiva, esquecimento 1, ficam dissimuladas no sujeito (forma-sujeito), pela formulação-paráfrase do pré-construído, esquecimento 2 (1975, p. 241). Ora, isso não diverge do pensamento bakhtiniano (1984, p. 386 [1992, p. 406]):

O processo de esquecimento paulatino dos autores, depositários da palavra do outro. A palavra do outro torna-se anônima, familiar (numa forma reestruturada, claro); a consciência se *monologiza*. Esquece-se completamente a

relação dialógica original com a palavra do outro: esta relação parece incorporar-se, assimilar-se à palavra do outro tornada familiar [...].

Com efeito, Bakhtin, diferentemente de Pêcheux, não recorre à psicanálise, mas as convergências são problemáticas; para os dois, o processo ideológico é esquecido pelos sujeitos/autores. Os elementos já-lá, sejam pré-construídos ou incorporados a um pensamento dotado de ideologia, são “reformulados”, “reestruturados”, em toda inconsciência de sua origem ideológica e aparecem como familiares e evidentes. Sem querer assimilar o pensamento dos dois autores, percebe-se aí a existência de uma base comum a partir da qual eles podem ser reconciliados ou até mesmo se complementar.

4.2 Fairclough e Pêcheux

A Análise Crítica do Discurso (ACD) fornece um exemplo da integração da AD em uma dimensão mais ampla. Desde a introdução de sua obra homônima, N. Fairclough (1995, p. 2) evidencia sua intenção de “integrar a AD à análise social das mudanças socioculturais”, dando-lhe o lugar central que ocupa o discurso “na reprodução e mudança socioculturais”.

Embora seu trabalho, que faz referência a Althusser, seja concernente à linguagem, à ideologia e ao poder, ele considera que as abordagens da AD e da ACD, que têm um viés *ideacional* [ideational] ([...] Pêcheux, 1982; van Dijk, 1988), não possuem os instrumentos necessários para apreender a interação entre cognição e prática, que é uma característica crucial da prática textual”¹⁹ (FAIRCLOUGH, 1995, p. 6), o que é uma verdadeira divergência de fundo.

Entretanto, Fairclough escreveu duas páginas antes que a “textura da evidência” fosse ao mesmo tempo “linguística” e

“intertextual” (1995, p. 4-5), quando Pêcheux faz uma articulação entre a “relação de base (linguística)” e o “processo (discursivo-ideológico)” para a evidência do sentido: “o sentido se constitui em cada formação discursiva” (1975, p. 226) e não no sujeito. Assim como Pêcheux, Fairclough conclui que toda análise do sentido de um texto deve “se interessar pelo que se poderia chamar de conteúdo da estrutura (ou conteúdo de sua forma)” (1995, p. 5), ou seja, pelo que está implícito à ideologia inscrita na materialidade do discurso. Esse dispositivo pragmático põe em xeque a “incompatibilidade” da ACD em relação a Pêcheux, algo totalmente improdutivo para a pesquisa sobre a evidência da ideologia.

5 Conclusão: articular a teoria do discurso com a AD

Como conclusão, farei duas observações e uma proposta concernentes à integração entre Pêcheux e a AD atual. Para tanto, utilizarei meu próprio trabalho como exemplo. Ao invés de confirmar seu esquecimento, insisto sobre o fato de que Pêcheux tem muito a contribuir para a análise dos discursos ideológicos, sob a condição de que essas contribuições sejam articuladas, ou seja, trata-se de definir de forma explícita a coerência entre seu trabalho e outras correntes epistemológicas.

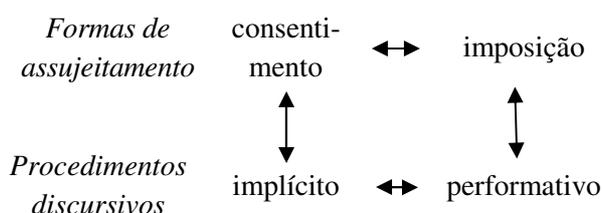
5.1 Duas observações

Observo, inicialmente, que descrever o funcionamento “da evidência” do discurso ideológico, sem fazê-lo à luz de Pêcheux, me permitiu ultrapassar algumas fronteiras. A “incompatibilidade” entre Bakhtin/Volochinov e Althusser tem origem, em grande parte, na “desordem cronológica” da recepção dos textos. Mas é igualmente possível interessar-se por sua produção: ler a obra de 1929 sem relacioná-la, em um primeiro momento e de modo sistemático, à de Althusser permite ver

¹⁹ Uma única referência a Pêcheux (1982), versão inglesa de Pêcheux (1975).

aí uma formidável reflexão sobre *filosofia da linguagem* lançando as primeiras bases de uma análise da ideologia²⁰. Althusser e Bakhtin/Volochinov não se apresentam mais como inconciliáveis, mesmo se aquele não pôde ter acesso aos escritos destes, e vice-versa. Sua articulação teórica cabe aos pesquisadores atuais. O mesmo acontece com Reboul (1980), Bourdieu (1982, 2001) e a ACD²¹.

Seria necessário integrar a este quadro o trabalho de Pêcheux, com o qual minha proximidade – e esta é minha segunda observação – não deixa nenhuma dúvida: ela se encontra inclusive na vontade de analisar o *funcionamento discursivo* da ideologia: os processos dialéticos de “consentimento/imposição” e de “dupla dissimulação”²² do sujeito. Todavia, essa integração deve ser pensada no âmbito da abordagem atual da AD, a qual considera a Pragmática, por exemplo, como uma ferramenta complementar, o que me permite propor esta esquematização em dois níveis:



5.2 Proposta: articular a integração

Proponho, portanto, a distinção de dois níveis (presentes no esquema anterior) para a articulação entre Pêcheux e a AD atual. Por um lado, o *funcionamento* discursivo, ao qual pertence o binômio consentimento/imposição e

de uma maneira mais geral as formas complexas e os processos discursivos de assujeitamento; por outro, os *procedimentos* discursivos: implícitos e performativos. Estes últimos se inscrevem no funcionamento discursivo geral como “meios de superfície”, aos quais tem acesso, ao menos em parte, o sujeito-falante – as formas “reestruturadas” de Bakhtin ou a “formulação-paráfrase” do esquecimento 2 de Pêcheux –, assim como ressurgem de outras epistemologias (enunciação, pragmática, argumentação...), que, por sua vez, não questionam fundamentalmente as bases epistemológicas, tais como as determinações sociais, a concepção althusseriana do sujeito²³ etc.

Os *procedimentos* se distinguem do *funcionamento*, já que não são constitutivos do discurso ideológico; a pressuposição, por exemplo, se encontra em outros tipos de discurso (DUCROT, 1984). No entanto, tais procedimentos possuem um papel importante na realização da evidência discursiva, assim como a pressuposição é um dos meios utilizados pelo discurso ideológico para dissimular e obter o consenso (GUILBERT, 2008).

A teoria do discurso, com sua contribuição psicanalítica específica, é, portanto, uma das abordagens do funcionamento e eu defendo a hipótese de que as abordagens epistemológicas presentes na AD atual lhe são complementares. A análise e a teorização do funcionamento discursivo global da ideologia – por definição, inacessível ao sujeito – não pode se contentar com uma abordagem única e necessita de pontos de vista diferentes.

Assim, a epistemologia interdisciplinar em análise do discurso pode ser concebida

²⁰ Este aqui é um exemplo: “A consciência individual não é o arquiteto dessa superestrutura ideológica, mas somente um locutor que habita o edifício social dos signos ideológicos” (1977, p. 31).

²¹ Trabalho que eu empreendi em minha tese defendida em 2005; ver Guilbert (2007, p. 70-96).

²² Ver Guilbert (2007, p. 9) e (idem, p. 95), respectivamente.

²³ Concepção que também fica a demonstrar. Assim os “quadros primários” de Goffman (1981) são compatíveis com o estudo da ideologia, como um dos meios do *funcionamento* ideológico, e até mesmo do assujeitamento, pois os quadros primários são culturais e ideológicos: eles permitem a ilusão, a representação imaginária do papel ou do lugar que o sujeito se assume (GUILBERT, 2007).

como um ecletismo “racionalizado”, ou seja, a utilização e/ou a constituição de ferramentas advindas de outros domínios do conhecimento, mas que convergem para um mesmo objeto – o discurso – e que, se articula com uma base epistemológica sólida, a da AD. Mas ainda há muito que fazer para que as contribuições de Pêcheux tenham seu devido reconhecimento.

Referências

- ALTHUSSER, L. *Idéologie et appareils idéologiques d’Etat. Notes pour une recherche. Positions*, 67-125. Editions Sociales, 1976 [1970].
- BAKHTINE, M./VOLOCHINOV, V. N. **Le marxisme et la philosophie du langage**. Paris: Minuit, 1977 [1929] [**Marxismo e filosofia da linguagem**. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 9. ed. São Paulo: Hucitec; Annablume, 2002].
- BAKHTINE, M. Remarques sur l’épistémologie des sciences humaines. In: **Esthétique de la création verbale**. Paris: Gallimard, 1984. p. 379-393 [Observações sobre a epistemologia das ciências humanas. In: **Estética da criação verbal**. Trad. do francês de Maria Ermantina Galvão Gomes Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p. 399-417].
- BOURDIEU, P. **Ce que parler veut dire**. Paris: Fayard, 1982 [**A economia das trocas linguísticas: o que falar quer dizer**. Trad. Sérgio Miceli. São Paulo: Edusp, 1996].
- BOURDIEU, P. **Langage et pouvoir symbolique**. Paris: Points Seuil, 2001.
- CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. **Dictionnaire d’Analyse du discours**. Paris: Seuil, 2002 [**Dicionário de Análise do Discurso**. Trad. Fabiana Komesu (coord.). São Paulo: Contexto, 2004].
- DARBELLAY, F. **Interdisciplinarité et transdisciplinarité en analyse des discours**. Genève: Slatkine, 2005.
- DUCROT, O. **Le dire et le dit**. Paris: Minuit, 1984 [**O dizer e o dito**. Trad. Eduardo Guimarães. Campinas: Pontes, 1987].
- FAIRCLOUGH, N. **Critical Discourse Analysis: The Critical Study of Language**. Edimburg: Longman Group Limited, 1995.
- GARDIN, B. La néologie. *Aspects sociolinguistiques. Langages*, Paris, n. 36, p. 67-73, 1974.
- GOFFMAN, E. **Les cadres de l’expérience**. Paris: Minuit, 1981 [1974].
- GUESPIN, L. Problématique des travaux sur le discours politique. *Langages*, Paris, n. 23, p. 3-24, 1971.
- GUILBERT, T. **Le discours idéologique ou la force de l’évidence**. Paris: L’Harmattan, 2007.
- GUILBERT, T. Discours d’évidence. Constitution discursive des normes et des connaissances. In: LAUGIER, S.; Gauthier, C. (éd.). **Normativités du sens commun**. Paris: PUF, 2008. p. 275-300.
- HAROCHE, C.; HENRY, P.; PECHEUX, M. La sémantique et la coupure saussurienne: langue, langage, discours. *Langages*, Paris, n. 24, p. 93-106, 1971 [A semântica e o corte saussuriano. Trad. Roberto Leiser Baronas e Fábio César Montanheiro. In: BARONAS, R. L. (Org.). **Análise do Discurso: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva**. 2.ed. rev. ampl. São Carlos: Pedro & João Editores, 2011. p. 13-32].
- HARRIS, Z. S. Analyse du discours. *Langages*, Paris, n. 13, p. 8-45, 1969 [1952].
- KERZAZI-LAZRI, R. **La métaphore dans le commentaire politique**. Paris: L’Harmattan, 2003.
- LABORIT, H. **La nouvelle grille**. Paris: Folio essais, 1991 [1974].
- LONGHI, J. **Objets discursifs et doxa**. Essai de sémantique discursive. Paris: L’Harmattan, 2008.

MAINGUENEAU, D. **L'Analyse du discours**. Paris: Hachette supérieur, 1991.

MAINGUENEAU, D. Présentation. **Langages**, Paris, n. 117, p. 5-11, 1995.

MALDIDIER, D. **L'inquiétude du discours**. Textes de Michel Pêcheux. Paris: Editions des Cendres, 1990 [A **inquietação do discurso**. (Re)ler Michel Pêcheux hoje. Trad. Eni P. Orlandi. Campinas: Pontes, 2003].

MALDIDIER, D.; NORMAND, C.; ROBIN, R. Discours et idéologie: quelques bases pour une recherche. **Langue française**, Paris, n. 15, p. 116-142, 1972 [Discurso e ideologia : bases para uma pesquisa. In: ORLANDI, Eni. (Org.). **Gestos de leitura**. Da História no Discurso. Campinas: Ed.Unicamp, 1997].

MARCELLESI, J.-B. Eléments pour une analyse contrastive du discours politique. **Langages**, Paris, n. 23, p. 25-56, 1971.

MAYAFFRE, D. L'Herméneutique numérique. **L'Astrolabe**, Ottawa, 2002. Disponível em: <http://www.uottawa.ca/academic/arts/astrolabe/articles/art0031.htm/Hermeneutique.htm>. Acesso em: 5 março 2006.

MAZIÈRE, F. **L'Analyse du discours**. Paris: PUF, 2005 [A **análise do discurso**: história e práticas. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2007].

ORLANDI, E. La parole à plusieurs tranchants. Les formes du silence. **Cahiers de praxématique**, Montpellier, n. 13, p. 83-99, 1989.

PAVEAU, M.-A. Analyse du discours, génération 2008, à propos de l'ouvrage de T. Guilbert, *Le discours idéologique ou la Force de l'évidence*. **Langage & société**, Paris, n. 127, p. 105-113, 2009.

PECHEUX, M. **Analyse automatique du discours**. Paris: Dunod, 1969 [trad. parcial: Análise Automática do Discurso (AAD-69). Trad. Eni P. Orlandi. In: GADET, F.; HAK, T. (Org.). **Por uma Análise Automática do Discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Trad. Bethania S. Mariani et al. Campinas: Ed.Unicamp, 1993. p. 61-151].

PECHEUX, M. **Les vérités de La Palice**. Paris: Maspero, 1975 [Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio. Trad. Eni P. Orlandi et al. Campinas: Ed.Unicamp, 1988].

ROITMAN, M. Polyphonie argumentative. Étude de la négation dans des éditoriaux du Figaro, de Libération et du Monde. **Forskningsrapporter. Cahiers de la Recherche**, Stockholm, n. 31, 2006.

SLATKA, D. Esquisse d'une théorie lexicosémantique: pour une analyse d'un texte politique (Cahiers de doléances). **Langages**, Paris, n. 23, p. 87-134, 1971.

VAN DIJK, T. Politique, idéologie et discours, **Semen** [En ligne], Besançon, n. 21, p. 74-102, 2006.

VON MÜNCHOW, P. **Les journaux télévisés en France et en Allemagne**. Plaisir de voir ou devoir de s'informer. Paris: Presses de la Sorbonne nouvelle, 2004.

Tradução:

Cristina do Sacramento Cardôso de Freitas.

Docente da Universidade Estadual de Santa Cruz

E-mail: criseja@ig.com.br

Jocilene Santana Prado.

Docente da Universidade Estadual de Santa Cruz

E-mail: jociprado@yahoo.com.br

Revisão da tradução:

Eduardo Lopes Piris

Docente da Universidade Estadual de Santa Cruz

E-mail: elpiris@uesc.br